

fonte: O Globo class.: φ2

data: 31/11/94 pg.: 18

Mata Atlântica nordestina foi reduzida a seis por cento

LETÍCIA LINS

RECIFE — A degradação da Mata Atlântica chegou a uma situação extrema no Nordeste e em poucos anos pode estar extinta. O alerta é da Sociedade Nordestina de Ecologia, que terminou este mês um levantamento em seis Estados da região mostrando que restaram apenas 6% da floresta original.

O estudo foi realizado no Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Para chegar ao diagnóstico, os pesquisadores compararam o quadro atual com o registrado em publicações do início do século. Em 1912, o cientista Gonzaga de Campos registrou uma área total de 15.138.900 hectares de Mata Atlântica nesses estados. O trabalho mais recente, ainda não publicado, revelou que restam hoje apenas 909.799 hectares.

A destruição das florestas antes era mensurada por década, mas está crescendo numa velocidade tão alarmante, que os números ficam desatualizados a cada ano, disse o biólogo Ricardo Braga, que preside a SNE.

— Todo um ecossistema rico em madeiras nobres e com um vasto patrimônio genético está em extinção — salientou o biólogo Osvaldo Lira, também da SNE.

Inicialmente, a Mata Atlântica foi destruída para dar lugar à cultura da cana-de-açúcar. Hoje, a exploração de madeira e a expansão urbana são as maiores responsáveis pela devastação da floresta.

O levantamento da SNE foi baseado em fotografias aéreas, imagens do satélite "Landsat" e



Poucas florestas nativas da Mata Atlântica, como esta na periferia de Recife (PE), ainda resistem no Nordeste

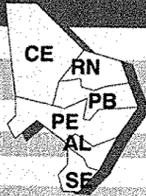
pesquisas de campo. A Mata Atlântica nordestina inclui a vegetação úmida do litoral, a restinga, os manguezais, os brejos de altitude (de Pernambuco e da Paraíba) e ainda a mata das serras do interior do Ceará.

Apesar dos altos índices de destruição, não há nenhum trabalho oficial de recuperação. A Rede Mata Atlântica (formada por 127 organizações não governamentais) cobra ação do Governo contra a devastação e aponta quatro áreas que exigem interferência imediata. São elas: Mata da Estrela (RN), Mata do Pau-Ferro (PB), Brejo dos Cavalos e Ilha de Itamaracá (PE).

Pouco sobrou da vegetação original

Os percentuais de distribuição (original e atual) da Mata Atlântica nos territórios dos seis estados estudados

ESTADO	COBERTURA ORIGINAL	COBERTURA ATUAL
Ceará	43,1%	1,85%
Rio Grande do Norte	25,4%	3,4%
Paraíba	36,5%	1,2%
Pernambuco	34,1%	1,5%
Alagoas	27,9%	3,5%
Sergipe	41,1%	6,2%



Mutuns e marsupiais ainda vivem na região

Fotos de Luiz Morier



O rato-cachorro é amistoso e raro

Trinta espécies de vertebrados estão em extinção

RECIFE — Com o fim da vegetação nativa, também desaparecem os animais. A Mata Atlântica nordestina tem 30 espécies de vertebrados (a maioria aves e mamíferos) ameaçados de extinção. O biólogo pernambucano Roberto Siqueira cita como exemplo o mutum-da-várzea (Mitu mitu mitu), ave da qual só há registros — não confirmados — em Alagoas.

Outro pássaro de ocorrência limitada é o pintor-verdadeiro

(Tangara fastuoso). Porém, mesmo degradadas, as florestas nordestinas ainda reservam surpresas. Exemplos disso são observados no Refúgio Ecológico Charles Darwin, em Igarassu, a 41 quilômetros de Recife. Um dos animais mais curiosos é o rato-cachorro (Caluromys philander), um marsupial (da mesma família do canguru australiano) dócil e de olhos amarelos.

Outro habitante da mata é o marsupial timbu-de-orelha-branca (Didelphis albiventris). Os timbus podem desaparecer porque são muito caçados devido à carne considerada saborosa. Entre os répteis destacam-se as cobras jibóia (Boa constrictor) e surucucu (Lachesis muta).



A jibóia come pequenos animais